

# Mística Feminista

## A Espiritualidade das Mulheres na luta pela Vida Plena

Ir. Terezinha Milanez  
Professora de Teologia Bíblica

**G**osto de caminhar no bosque da Mitologia para conversar com as Deusas. Mitos que formaram a história dos homens e mulheres, minha história tem tantos laços nesse espaço. Hoje escolhi conversar com uma das deusas - conheço-a de outros encontros e desencontros: "Amor e Psiquê". Contou-me ela que recebeu uma tarefa a desempenhar que a deixou perplexa. Foi-lhe dada a tarefa - estando ela diante de uma montanha de imensa variedade de sementes - de separar estas sementes, agrupando-as segundo a sua espécie. "Amor e Psiquê", na perplexidade, pergunta: Como se fará isto?<sup>1</sup>

Reação semelhante tive ao começar a visitar a literatura, grupos os mais diversos do mundo feminista ou feminino, porque queria contemplar esta onda que vem emergindo no mar-sociedade nas últimas décadas. Foi-me sugerido escolher, contemplar e expressar o "Movimento-Espírito" que provoca esta onda. Que espírito anima este movimento, mundo da mulher? Qual "energón" dinamiza estes movimentos? Que "dynamis" gera, alimenta, tal luta?

Mas, assumi uma tarefa.

Como separar estas sementes? São tantas! São tão diversas!

O que desejo é tentar captar a mística que sustenta, impulsiona a luta-paixão das mulheres na busca conjunta, solidária, pela vida em abundância, remando contra a corrente dominadora na sutilidade ou a violência exposta.

Feminina ou feminista? O primeiro sugere-me demais uma matriz de continuidade de tudo como foi até agora, mesmo resguardando seus valores inegociáveis. O segundo sugere-me um sopro que me impulsiona a mudar, uma tomada necessária de posição ao convite da vida à mulher hoje. As companheiras crêem que estou andando, seria covarde se não andasse; seria ignorar o Vento. A *Ruah* me impele...

### 1. UMA MÍSTICA QUE ACOLHE OS GEMIDOS DA RUAH

Nas sementes que separei, contemplo as mulheres presentes na História da Salvação. Não pretendo exaltá-las, mas ouvi-las de novo. Vejo-me, encontro-me com SARA. Esta matriarca<sup>2</sup> arameia errante que, movida pela mão-Espírito de Javé, sai das terras desérticas - ela, já na

sua velhice, é considerada estéril. "Como se fará isto?" - "Para Deus nada é impossível" (cf Gn 18,9-15)... e Deus promete a seu senhor - marido, Abraão, que será Pai de nações. Sara se ri. É a reação das estéreis, humanamente excluídas, mas escolhidas por Deus. Javé por seu Espírito inclui a mulher no movimento da graça salvadora. Isto é tudo misteriosamente ignorado. Abraão e Sara se põem a caminho juntos, pois desde a criação soa no coração do homem e da mulher: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2,18). Desde Adão, Deus lhe dá uma ajuda adequada, "kenegdo" (Gn 2,18), aquela que está diante dele, em relação de reciprocidade, alteridade.

Depois, ao lado de Sara, encontro-me com AGAR<sup>3</sup>, uma escrava, excluída, andarilha, mandada para o deserto: lugar ambíguo, presença do "tentador" e presença também de Javé. No grito de seu filho, o "Espírito gême" (cf. Rm 8,26) e faz rebentar a fonte que jorra a água, saciando seu coração sedento de dignidade; e ela

*"Esta escrava é a mulher que no AT terá a mais significativa teofania"*

encontra o poço no deserto. Esta escrava é a mulher que no AT terá a mais significativa teofania: ela se encontra com Deus na água da fonte. Ela mesma o declara: "Eu vi Aquele que me vê." (Gn 16,13)

Poderia alongar o encontro, ainda, com REBECA e RAQUEL, mulheres que fazem a experiência do Senhor buscando água, símbolo do Espírito de Javé que é derramado no espaço que acolhe a vida. Estas mulheres, numa situação-tempo de clara exclusão da mulher, são colocadas como parceiras, em relação de reciprocidade, o que inclui sempre diferenças, e, portanto requer alteridade. Vão tecendo na história o fio misterioso do Espírito, o espaço-tecido<sup>4</sup> da espiritualidade do povo de Deus.

Podemos ainda fazer uma visita às mulheres símbolos da defesa da vida no Egito: Ex 1, 17 relata-nos que as parteiras SÉFORA e FUA, movidas pela mística do Deus da Vida, que sempre nutre e defende a vida, descobrem femininamente um jeito de defender a vida contra a desumanização do homem-Rei, o Faraó. Mulheres que dizem não ao tirano, enquanto com suas mãos acolhem, deixam nascer, os meninos hebreus. Aquelas que não são colocadas na hierarquia sacerdotal mas na estrutura da

"*Ruah*". Seu grito esconde-se, revela-se em gestos tão humanos, tão familiares que passam despercebidos dentro dos anais sociais e políticos de uma sociedade patriarcal, mas revelam o rosto do Deus-defensor da vida, e são suas mãos de parteiras que vão ajudar a parir o novo povo.

## 2. A MÍSTICA QUE CLAMA POR DIGNIDADE

Há um clamor que soa, ecoa, ora em forma de grito, ora como gemido silencioso; é clamor transcultural, ecumênico, porque a vida é dom que todos recebemos de Deus. A luta pela dignidade, liberdade da mulher, é luta ecumênica, transcende religiões, igrejas, credos. Todos temos em comum a Vida, como dom de Deus!

É clamor escondido, na onda profunda que rebenta vez ou outra nas praias das culturas, das religiões. É clamor por dignidade, esmagada pela dominação sutilmente ameaçadora ou na escancarada violência. Isto acontece tanto a nível macro, nos sistemas que excluem, marginalizam, manipulam, ou ao nível micro, por exemplo, da violência sexual doméstica, que freqüenta os jornais. É um clamor por vida! Clamor por dignidade! Pois por milênios sua auto-estima foi desgastada, negando-se à mulher o direito de expressar sua própria sabedoria, seu contributo na busca de Salvação do povo na história.

"Quero viver!" "Queremos dignidade!" É o grito de Agar, que ecoa mesmo no deserto, continuando sua luta, pois a vida, maior dom, está ameaçada. É o clamor por dignidade que coloca Judite em frente aos "chefes" que nada fazem, mesmo vendo o povo na mais absoluta miséria em Israel.

Neste contexto, as mulheres assumem seu espaço e fazem seu o gemido-suspiro dos filhos e filhas da terra. É o Espírito que geme...<sup>5</sup> Os sistemas, os tempos, as culturas, religiões, igrejas, podem tentar encobrir, ignorar, mas o sopro de Deus não se deixa aprisionar e insufla a vida. Ele pode sempre irromper nas "imprevisíveis manhãs", quando os "doze" estão reunidos de portas fechadas.

## 3. UMA MÍSTICA COMPROMETIDA

Quando falamos em mística, logo nos vêm as posições que associam a mística com alienação. Não é isso que vemos no movimento das mulheres na Igreja e também em grupos que assumem a causa. A mulher entra na história em momentos decisivos e se faz espaço de acolhida de Deus, morada de seu Espírito. A maior delas, MARIA, mulher, mãe do Salvador, nela, antes e depois, encontramos mulheres que viveram e testemunharam profunda experiência de Deus, comprometidas com seu povo. Voltando às nossas matriarcas, porque elas alimentam a espiritualidade feminista, encontramos com JUDITE<sup>6</sup>. Esta mulher aparece num período crítico da História, quando o povo de Deus está espoliado, enfraquecido pela dominação, ameaçado de escravidão e opressão externa e interna. Não é difícil perceber que, nas situações de miséria e injustiça social e econômica, as mais atingidas na opressão são as mulheres. Sobre elas

pesa garantir a chama da vida, nutrir o filho que gerou, acolher as filhas violentadas.

Judite se levanta com voz profética, entra na discussão, vai ao centro, questiona o sistema e os senhores que o compõem. Eles, com sua sabedoria e organização, não enxergam caminho para a busca de solução à miséria do povo. Judite, mulher e viúva em Israel, num tempo de total dominação da mulher, humanamente não tinha crédito. Mas nela a "*Ruah*" descobre uma brecha, pois Judite ardia de fé em Javé. Os chefes queriam, em sua fé retribucionista, que Javé enchesse as cisternas de água. Judite vê mais longe (cf Jt 3, 32s) Ela faz sua causa do povo. Na sua fé em Javé, olha o futuro do povo com esperança. "*Javé visitará Israel por minha mão*" (Jt 8, 32-33), clama Judite. Ela se dobra, assume a miséria do povo e se humilha perante Javé, que ouve os oprimidos (Jt 9, 1b). Reconhece a ação de Javé na história, na miséria e sofrimento do povo. Ela não se impressiona com os nomes dos grandes, inscritos na história e esculpidos nos monumentos, nas praças. Ela crê que Javé derruba os planos dos poderosos e eleva os humildes. Na sua oração ela

recorda os feitos de Javé com serenidade e ignora os poderosos que usam a força. Sabe que o Senhor não se impressiona com os fortes. Javé está comprometido com sua aliança e usa de misericórdia com seu povo, pela intervenção desta mulher que se faz servidora de sua gente. Ela usa da sua sabedoria e coragem, fecundadas na experiência de Deus, e traz a libertação a seu povo.

---

*"O sopro de Deus  
não se deixa  
aprisionar  
e insufla a vida"*

---

## 4. O FEMININO EM DEUS? POR QUE NÃO?

Impossível atravessar esta floresta sem pisar ainda nas marcas da Teologia Patriarcal. Como compreender uma mística feminina, *feminista*, numa linguagem exclusivamente masculina sobre Deus?

As imagens de Deus são de fundamental importância na teologia<sup>7</sup>. Elas expressam nossa experiência de Deus. Acontece que estamos demais acostumados ao esquema fechado da Teologia Patriarcal que constrói uma espiritualidade predominantemente masculina. É pacífico entre nós, é compreensível, aceitar a imagem de Deus-mãe, mas é impossível a de Deus-mãe. Por quê?

Não questiono a validade da imagem masculina, pois afinal o homem também é criado "*imago Dei*", mas o que não podemos biblicamente admitir é que ela seja exclusiva (cf Gn 1,27: *à imagem de Deus Ele o criou, homem e mulher os criou*).

Por que este "pânico", quando a teologia feminista começa, de leve, a dizer: "A mulher também é imagem de Deus". Experienciamos, refletimos sobre Deus de outro modo<sup>8</sup>. Encontramo-nos em Deus como mulheres e experienciamos o feminino em Deus! Mas, isto soa como iconoclastia! Sim, cremos ter chegado a hora de quebrar algumas imagens, pois estas não correspondem totalmente ao Deus verdadeiro e libertador.

Questionar, mesmo "quebrar" essas imagens, porque elas foram e são usadas para justificar estruturas concentradoras de poder e para legitimar a superioridade

masculina na visão androcêntrica do mundo: da família, da sociedade, da Igreja.

Ao "separar as sementes", vejo que muitas não são boas sementes de vida, estas, por exemplo. Será melhor, então, eliminá-las...

## 5. O QUE FAZ A DIFERENÇA NOS GÊNEROS?

Sei que estamos entrando em "campo minado", ao falarmos do específico dos gêneros. No "bosque amplo" do movimento feminista, e mesmo em grupos da Teologia feminista na Igreja, há pessoas, grupos, que rejeitam a questão do "específico dos gêneros".<sup>9</sup>

Esta questão é compreensível, pois, no início do movimento feminista, as mulheres se dão conta de que são tidas, consideradas como *desiguais*. Começam a lutar pela igualdade: esta foi a grande bandeira das décadas de 60 a 80. E isto é verdadeiro, porque diferença, como desigualdade, foi a expressão de milênios anteriores, onde a mulher foi considerada inferior, sem direitos, sem liberdade. Começar a luta trabalhando as diferenças, seria acentuar o que se viveu de dominação. Outro problema é que, ao longo da história, essa diferença foi colocada no biológico reducionista. Aí temos a diferença sexual ampliada para o antropológico, o social... A Teologia da Corporeidade é preocupação recente na Teologia, pois o corpo foi demasiadamente considerado como obstáculo, oposto justamente à espiritualidade, e aqui de novo teríamos uma floresta a explorar. A mulher foi sempre apresentada como EVA, causadora do mal, sedutora que leva o homem ao pecado (cf Sir 25,24 e, no NT, 1Tm 2,14!). Não é nada de novo dizer que o corpo da mulher, assim considerado e vivido, terá grande batalha a superar para a compreensão de uma mística feminista que contemple justamente a corporeidade, agora como "espaço de salvação", na feliz expressão de M. Teresa SANTISO.<sup>10</sup>

Uma mística a partir do corpo, não reduzido ao biológico, mas compreendido na sua racionalidade. Não um biológico que leve à diferença do fazer, ou mais ainda, de papéis, para justificar a superioridade masculina. Justamente o biológico para contemplar o modo de expressar-se, de sentir, de experienciar e manifestar, vivenciar também a sua mística de modo diverso.<sup>11</sup> Homem

e mulher são iguais na dignidade de filhos de Deus, mas distintos na relação entre si, com os outros e outras, e com Deus.<sup>12</sup>

A mística feminina e, com mais razão, a mística *feminista*, é experienciada e expressa-se no seu compromisso de modo diverso "da outra", que até agora foi considerada praticamente a única: a espirituali-

dade masculina, ou *machista*..

Revisitando "Amor e Psiquê", com as mulheres que encontrei pela floresta, enxergamos de longe alguns brotos novos, mas também ramos quebrados. Há sementes

que germinam, brotam, não obstante os olhares de descredito. A montanha é grande, mas o Vento, a *Ruah* de Deus se encarrega de levá-las adiante, e as mulheres continuam semeando. A luta-paixão se faz a cada dia mais ardente, novas mãos se juntam. O Sopro de Deus anima-as nesta caminhada de passos lentos, mas seguros, porque a vida não tem pressa de nascer.

É preciso entrar na floresta e sentir o cheiro da vida teimosa que insiste em desabrochar. Há um gemido que vem do fundo, o qual despontará nas manhãs imprevisíveis, como em Pentecostes. "Elas estão loucas", dirão alguns; "tolas", dirão outros. Não! Aquela que por séculos e séculos é considerada estéril, agora está grávida e dará à luz.

O "gemido" do Espírito está incontido no seu útero - espaço do Deus-Javé Salvador. Nela, Ele é Ela. Por que não?!

## NOTAS

<sup>1</sup> BOLEN, Jean Sh. "As deusas e a mulher", Paulinas, São Paulo, 1990.

<sup>2</sup> ROY, Ana, tece, na pequena mas densa obra "Ser Mulher", CRB, o tema da mística-simbólica das matriarcas de nossa fé.

<sup>3</sup> Id., *ibid*.

<sup>4</sup> SANTISO, M<sup>a</sup> Teresa, alarga o espaço feminino em: "A mulher, espaço de salvação", Paulinas, 1993.

<sup>5</sup> Cf Rm 8, 13-27, onde PAULO nos fala dos gemidos da criação, dos gemidos nossos, e neles o Espírito geme...

<sup>6</sup> Cf in RIBLA n<sup>o</sup> 15, Vozes / Sinodal, 1993, a belíssima hermenêutica de: GALAZZI, Anna Maria R., sobre Judite.

<sup>7</sup> Cf. JOHNSON, Elisabeth, "Aquela que é - o mistério de Deus no trabalho teológico feminino", Vozes, 1995. Também SCHUSSLER-FIORENZA, Elisabeth, "Discipulado de iguais. Uma Ekklesia-logia feminista crítica de libertação".

<sup>8</sup> Id., *ibid*.. Cf também o trabalho de FUCHS, Lucy: "We were there". *Women in the New Testament*, Paulus, New York. A autora, num trabalho narrativo, elabora uma reflexão original sobre a presença da mulher no N.T.

<sup>9</sup> Cf JOHNSON, Elisabeth, cit. acima. Também NUNES, Maria José F., "Gênero, saber, poder e religião", mimeo, PUC/SP.

<sup>10</sup> SANTISO, M<sup>a</sup> Teresa, op. cit. pp. 236-238.

<sup>11</sup> Cf GUERRA, Santiago, "La meditación y el dinamismo corporal", in Rev. de Espiritualidad, n<sup>o</sup> 179, Madrid, 1986.

<sup>12</sup> ROJO, Ezequiel G., na excelente análise que faz da obra de Edith STEIN: "Die Frau" (a mulher) in Rev. de Espiritualidad., n<sup>o</sup> 200, Madrid, 1991.

## Endereço da Autora:

Rua Prof. Elpidio Barbosa, 223  
Trindade  
88036-300 FLORIANÓPOLIS, SC

*"A mulher foi sempre apresentada como EVA, causadora do mal"*